



## RELIGIÃO E ALIMENTAÇÃO: DAS LEIS DIETÉTICAS JUDÁICAS AO PECADO DA GULA

---

Religion and food: from Jewish dietary laws to satisfying

*Claudiene Reis dos Santos<sup>1</sup>*

### Resumo:

O artigo apresenta uma discussão sobre a relação entre religião e alimentação, especificamente a cosmovisão judaico-cristã. O objetivo central do trabalho é verificar a relação entre moralidade e comensalidade tanto no Judaísmo, quanto no Cristianismo, ou seja, verificar como estas duas esferas da vida encontram-se relacionadas e como elas organizam os sentidos e a visão de mundo e de corpo dos seus adeptos. Para tanto, foi realizado um estudo teórico-reflexivo, a partir dos enunciados de autores como Mary Douglas, que apresenta uma conhecida análise sobre as restrições alimentares contidas no Levítico (11: 1-47), bem como as reflexões sobre o Pecado da Gula de Agostinho de Hipona, elaborando um paralelo entre ambos.

**Palavras-chaves:** Alimentação. Religião. Levítico.

### Abstract:

The article presents a discussion about the relationship between religion and food, specifically the Judeo-Christian worldview. The central aim of the work is to verify the relationship between morality and commensality both in Judaism and in Christianity, that is, to verify how these two spheres of life are related and how they organize the senses and the world view and body of the its adherents. For this, a theoretical-reflexive study was carried out, based on the statements of authors such as Mary Douglas, who presents a well-known analysis of the food restrictions contained in Leviticus (11: 1-47), as well as the reflections on the Gullet Of Augustine of Hippo, elaborating a parallel between both.

**Keywords:** Feeding. Religion. Leviticus.

\*\*\*

A alimentação é uma prática que não está desligada da cultura, pois é recheada de símbolos, significados e sentidos, mudando conforme a região e localidade em que se encontram. A prática de alimentação de determinado grupo cultural é criada e mantida dentro da cultura e

---

<sup>1</sup>Claudiene Reis dos Santos. Pós-graduanda em Ciências da Religião, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail claudieneis@hotmail.com.

dela recebe influências variadas.<sup>3</sup> Uma dessas influências é a religião, que por meio da moralidade e de sua ética determinam aquilo que pode ser ingerido ou não. Ou ainda usam dos alimentos como oferenda aos deuses. Como exemplo, podemos citar o Islamismo que proíbe o consumo de carne de porco e de álcool. Ou ainda, do Judaísmo que além de não permitir a ingestão de carne de porco, também proíbe o consumo de camarão e sangue. Temos também os adventistas que aconselham os féis a adotarem uma dieta vegetariana. Há ainda algumas igrejas evangélicas como a Assembleia de Deus que não comem comidas oferecidas em rituais de outras religiões, tal como é o caso do acarajé.

A moralidade, a ética e cosmovisão de uma religião pode influenciar os seus fiéis na ingestão de alimentos das mais variadas formas, até mesmo em rituais. Por exemplo, o pão e o vinho da Santa Ceia, ou até mesmo os jejuns, a abstinência de álcool, fumo e ingestão de sangue tem significado estruturante no simbolismo e cosmovisão de grupos religiosos.

Portanto a relação da alimentação com a religião é bastante rica e pode render diversos estudos. Porém, esta é uma área que é ainda pouco explorada na área da Teologia e das Ciências das Religiões. Diante disso, é que se apresenta este artigo com o objetivo central de discutir sobre a relação entre moralidade e alimentação dentro da tradição judaico-cristã, sobretudo, aspectos que abrange as leis dietéticas contidas no Levítico 11: 1-47 fazendo um paralelo com as reflexões de Santo Tomás de Aquino e Agostinho de Hipona, sobre o pecado da gula. Ambos os autores refletem sobre a glotonaria como um dos sete pecados capitais dentro da tradição cristã.

O artigo encontra-se dividido em duas partes: na primeira parte trata sobre a relação entre religião e alimentação dentro de uma perspectiva antropológica, contemplando seus pressupostos básicos. No tópico seguinte apresenta-se uma análise sobre as restrições alimentares contidas no livro Levítico (1-47) a partir dos referenciais da antropóloga Mary Douglas, bem como as perspectivas adotadas por Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino sobre o ato de alimentar-se e como isso se relaciona com aspectos da moralidade cristã. Ao final serão apresentadas as considerações finais do artigo.

### **A relação entre religião e alimentação**

A alimentação pode ser definida como uma construção cultural realizada pelos indivíduos e o “ato de comer” como uma prática que envolve a o sujeito com determinado grupo social. Como exemplo, a autora apresenta as comidas étnicas, tal como a comida árabe, japonesa e africana que segundo ela “[...] oferecem um rico jogo de metáforas através das quais se expressam as relações dos sujeitos com um grupo particular.”<sup>4</sup> Segundo a autora trata-se de uma prática carregada de símbolos que expressam as relações culturais de uma determinada sociedade. Henrique Carneiro é outro autor que corrobora com essa afirmação; e para quem comensalidade humana se diferencia do animal, pois os homens atribuem sentidos, signos e símbolos ao ato de alimentar-se. Portanto, não se trata simplesmente de uma ação automática com vistas apenas para garantir a sobrevivência biológica<sup>5</sup>.

O autor define o ato de alimentar como uma ação cultural

A comensalidade ajuda a organizar as regras da identidade e da hierarquia social – há sociedades, por exemplo, em que as mulheres ou as crianças são excluídas da mesa comum –, assim como ela serve para tecer redes de relações serve também para impor

---

<sup>3</sup> CARNEIRO, Henrique S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação, *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005, p. 71

<sup>4</sup> TOPEL, Marta F. As leis dietéticas judaicas: um prato cheio para a antropologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 203-222, jul/2003, p. 204

<sup>5</sup> CARNEIRO, Henrique S., 2005, p. 71

limites e fronteiras, sociais, políticas, religiosas etc. Ao longo das épocas e regiões, as diferentes culturas humanas sempre encararam a alimentação como um ato revestido de conteúdos simbólicos, cujo sentido buscamos atualmente identificar e classificar como “políticos” ou “religiosos”. O significado desses conteúdos não é interpretado pelas culturas que o praticam, mas sim cumprido como um preceito inquestionável, para o qual não são necessárias explicações.<sup>6</sup>

O ato de se alimentar entre os grupos humanos é também uma forma de sociabilidade<sup>7</sup>. “Comer não é um ato solitário ou autônomo do ser humano, ao contrário, é a origem da socialização, pois, nas formas coletivas de se obter a comida, a espécie humana desenvolveu utensílios culturais diversos, talvez até mesmo a própria linguagem.”<sup>8</sup>

De acordo com o autor em todas as culturas os alimentos encontram-se relacionados com a saúde não somente pela simples questão da sobrevivência humana, mas também porque o tipo de dieta e a explicação médica para o seu consumo influencia nas práticas alimentares dos grupos sociais. Tais práticas não dizem respeito somente ao ato de “comer”, mas também a atitude diante delas, sua adequação a determinados ambientes, rituais, ritos, regimes e até mesmo questões de gênero (masculino e feminino). Todas essas questões envolvem o controle e a regulamentação do corpo sobre o modo de se alimentar, implicando em uma disciplina que determina lugar, estações do ano, temperaturas, condições ambientais, idades, etc. para o ato de se alimentar.<sup>9</sup>

A concepção vigente por mais de dois mil anos na cultura ocidental foi (e de certa forma, no âmbito da cultura popular ainda é) a da teoria dos humores e da correspondência universal do micro e dos macrocosmos. Em tal concepção, o corpo humano, os vegetais, a estrela, assim como tudo no universo, possui uma correspondência íntima e cifrada, que caberia aos homens descobrir. Os estados de humor, as estações do ano, as temperaturas, as condições de secura ou umidade, os órgãos do corpo, as secreções, os temperamentos humanos são interligados numa estrutura quaternária. Assim, segundo tais ideias hipocráticas e galênicas, cada alimento corresponderia a um certo grau de calor e umidade que o tornaria adequado a certas pessoas, idades, doenças etc.<sup>10</sup>

Portanto, o hábito de alimentar-se é uma ação humana que se encontra carregada de sentidos quer sejam eles, políticos, culturais, sociais e sobretudo religiosos. Ademais, a relação entre alimentação e religião é extremamente presente em diversos grupos religiosos, quer seja como elemento estruturante de ritos, rituais, controle corporal, práticas moralizantes para alcançar determinados fins. Ou ainda, como elementos formadores de identidade e simbolismos.

[...] a relação entre alimentação e religião também pode ser entendida como formas de controle sobre as condutas corporais e a moral cotidiana. [...] As regras disciplinares sobre alimentação podem ser anti-hedonistas, evitando o prazer produzido pelo alimento tornando-o o mais insípido possível, ou podem ser pragmáticas, ao evitar alimentos que sejam demasiadamente “quentes” ou “passionais”. Os herbários medievais identificavam em diversos alimentos, tais como as cenouras ou alcachofras, fontes de excitação sexual. As regras budistas eliminam até mesmo a cebola, a cebolinha e o alho, por considerarem que essas inflamam as paixões<sup>11</sup>

O hábito de alimentar-se, revela, portanto, as práticas e relações socioculturais de um determinado grupo, bem como suas representações políticas, sociais, estéticas e religiosas. Revela

<sup>6</sup> CARNEIRO, Henrique S., 2005, p. 72

<sup>7</sup> CARNEIRO, Henrique S., 2005, p. 71

<sup>8</sup> CARNEIRO, Henrique S., 2005, p. 71

<sup>9</sup> CARNEIRO, Henrique S., 2005, p. 72

<sup>10</sup> CARNEIRO, Henrique S., 2005, p. 72

<sup>11</sup> CARNEIRO, Henrique S., *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p.87-92

também sua moralidade, formas de organização da vida diária, sistema de parentesco e até tabus religiosos.<sup>12</sup>

Desde os primórdios da existência humana sempre houve uma relação entre religião e alimentação encontrada em todas as civilizações, influenciando na formação dos hábitos alimentares dos indivíduos. Isso quer seja através de restrições que proíbem a ingestão de certos alimentos por conta de uma determinada crença específica. Ou então, aconselhando a ingestão de determinados alimentos por seus benefícios para a saúde espiritual do fiel. Esses grupos acreditam que uma alimentação adequada promove uma maior comunhão com seu deus ou deuses. Segundo o autor é comum que os fiéis sigam à risca as restrições alimentares impostas pela religião, mesmo porque cada crença apresenta explicações lógicas sobre determinados hábitos alimentares.<sup>13</sup>

O autor acrescenta ainda que na religião não há importância sobre o valor nutricional da comida, mas sim seu valor para o espírito. Tal relação ocorre mediante restrições e oferendas através das quais as crenças são representadas e cultuadas<sup>14</sup>.

O tema, hábitos alimentares, é um dos que, por excelência, pertencem à Antropologia. A investigação cultural em nutrição tem como tema central a identificação dos hábitos alimentares e das motivações das mudanças que eles podem sofrer. O estudo das religiões também exige a interpretação de uma série de preceitos e proscricções alimentares, além de todo um conjunto simbólico, mitológico e teológico de elaborações em torno da alimentação<sup>15</sup>

A identidade religiosa é, por vezes, uma identidade alimentar, pois segundo o autor para ser hinduísta, por exemplo, deve ser vegetariano. Já no universo judaico-cristãos a explicação da queda de Adão e Eva é a sua desobediência ao ingerir o fruto proibido, ou seja, um alimento<sup>16</sup>.

Dentro da religião a comensalidade define e organiza os rituais, bem como os sistemas de pertencimento a determinado grupo religioso. Para tanto, recorrer ao exemplo do Cristianismo sobre o qual afirma que a comensalidade é um elemento estrutural da fé cristã, já que há o exemplo da hóstia e do vinho da missa; a partilha solidária dos alimentos que ocorria nas comunidades primitivas cristãs. Tratava-se de um princípio que remonta a época em que Jesus andava com seus discípulos, o qual no momento das refeições entre seus seguidores propiciava acolhida e alimentação para todos. Tal como o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes conforme descrito em Mateus (14:13-21), Marcos (6:31-44) e Lucas 9:10-17 e João (6:5-15), ou ainda a transformação da água em vinho em João (2: 1-11)<sup>17</sup>

A comensalidade, como a partilha de alimentos são rituais comuns em diversas religiões antigas e desempenham papel importante na definição da identidade destes grupos.<sup>18</sup> “Elas compõem importantes formas de definição de identidade, pertença e, inclusive, de definição de status. Mesmo naquelas em que o alimento não aparece como elemento organizador, elementos da natureza fazem parte do sistema principal de símbolos”<sup>19</sup>. O autor afirma que os rituais alimentares de determinados grupos religiosos podem servir como elementos organizadores da relação do ser humano com o sagrado.

<sup>12</sup> CARNEIRO, Henrique S., 2005, p. 72

<sup>13</sup> FERRARI, Evandro Sérgio. Religiões e hábitos alimentares: uma construção histórica. *Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória-ES, v. 4, n 2, jul.-dez., 2016, p.74

<sup>14</sup> FERRARI, Evandro Sérgio, 2016, p. 74

<sup>15</sup> CARNEIRO, Henrique S., 2003, p. 21

<sup>16</sup> CARNEIRO, Henrique S., 2005, p. 72

<sup>17</sup> GARCIA, Paulo Roberto. “*Isto é o meu corpo*”: Rituais de alimentação e interação social no cristianismo primitivo. *Revista Caminhando* v. 12, n. 20, p. 19 - 28, jul - dez 2007, p. 22.

<sup>18</sup> GARCIA, Paulo Roberto, 2007, p. 22

<sup>19</sup> GARCIA, Paulo Roberto, 2007, p. 22

Na verdade, a proposta desse autor é que no Cristianismo a alimentação aparece como um elemento não somente organiza a relação do ser humano com o sagrado, como também confere um caráter estruturante na religião. Para sustentar sua tese cita exemplos encontrados no Velho Testamento em que a pureza alimentar ajuda a definir a identidade do grupo, além de passagens neotestamentárias em que os ensinamentos e andanças de Jesus se relacionam com os alimentos.<sup>20</sup>

### **Das leis dietéticas judaicas ao pecado da gula**

Conforme exposto, a comensalidade, o alimento, o ato de comer em si não é uma prática deslocada da cultura, pelo contrário, carrega diversos simbolismos, signos e também revela a moralidade social e cultural de um determinado grupo.<sup>21</sup> Ela também expressa as relações e pertencas grupais.<sup>22</sup> As comidas étnicas entendidas como práticas alimentares que estão relacionadas a pertença étnica ou identidade cultural. Dentre essas podemos citar a dietética judaica que, constituem um sistema simbólico-cultural bastante complexo chamado de *kashrut* que são as leis alimentares da religião judaica, mais conhecida como “cozinha *kasher*”, cujas regras têm origem no Velho Testamento, especificamente nas prescrições bíblicas do Livro de Levítico (1: 1-47).<sup>23</sup>

**Sobre as restrições levíticas um médico e teólogo judeu** Maimônides alegou que tais leis se tratava de regras que visava favorecer “a saúde do corpo e também o bem-estar social”<sup>24</sup> do indivíduo. Para tanto, foram determinados princípios e procedimentos conforme exposto no Levítico (11: 1-47) em que são apresentadas uma lista de animais considerado puros e impuros para o consumo humano.<sup>25</sup> Contudo, autores como a antropóloga Mary Douglas em *Pureza e Perigo*, refere-se a práticas alimentares que tem relação com os conceitos de moralidade/imoralidade da cultura judaica. Para tanto, a autora elabora conceitos conhecido como “pureza” e “perigo” que irão nortear as discussões. Neste sentido, “pureza” estaria relacionado a tudo que fosse permitido, isto é, aos padrões que são aceitos socialmente dentro de um grupo social. Já o “perigo” seria tudo aquilo que é considerados imorais para determinada cultura. Assim, para a autora a classificação entre os animais puros (que poderiam ser consumidos) e impuros (que não poderiam ser consumidos) seria na verdade de padrões morais que teriam relação com a cosmologia hebraica, ou seja, aos conceitos de ordem e desordem desta sociedade<sup>26</sup>.

Nenhuma interpretação que trate isoladamente as interdições do Velho Testamento é válida. A única abordagem correta é esquecer a higiene, a estética, a moral, a revulsão instintiva e mesmo os Cananeus e os magos zoroástricos. Há que partir dos textos. Cada injunção é precedida por um mandamento: Sereis santos. Devemos também procurar neste mandamento a razão destas injunções. Existe certamente uma oposição entre a santidade e a abominação que trará uma nova luz a todas as restrições particulares.<sup>27</sup>

---

<sup>20</sup> GARCIA, Paulo Roberto, 2007, p. 23

<sup>21</sup> TOPEL, Marta F., 2003, p. 204

<sup>22</sup> TOPEL, Marta F., 2003, p. 204

<sup>23</sup> TOPEL, Marta F., 2003, p. 206

<sup>24</sup> Vainsencher, Semira Adler. *Culinária judaica. Pesquisa Escolar Online*, 2009. Fundação Joaquim Nabuco, Recife., p. 1

<sup>25</sup> Vainsencher, Semira Adler, 2009, p.1

<sup>26</sup> DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo. Ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 40

<sup>27</sup> DOUGLAS, Mary, 1991, p. 40

Para os judeus, santidade é um atributo de Deus, cuja raiz do termo significar “separar” (*set apart*) e para ser santo entre os judeus era necessário seguir, obedecer determinados preceitos e tabus determinado pela Lei Judaica. A obediência desses tabus levava a prosperidade e desobedecê-los atrairia perigo e maldição.<sup>28</sup> Dessa forma, compreendendo que “santidade” vem de “apartar”, “separar” a ideia de santo compreende a plenitude, totalidade, o que abrange também a perfeição física.<sup>29</sup> Por exemplo, a Lei exigia que aos animais oferecidos no templo não poderiam ter deformidades, as mulheres têm de ser purificadas após o parto, os leprosos separados de todos.<sup>30</sup> Na noção de santidade judaica “Todas as secreções corporais são consideradas poluentes e interditam o acesso ao templo”.<sup>31</sup>

Portanto, a ideia de “santidade” entre os judeus se exprimia de um modo exterior, físico<sup>32</sup>. Para ser “santo” na cultura judaica é preciso “a integridade do corpo considerado como um receptáculo perfeito.”<sup>33</sup> Portanto, a noção de santidade na cosmologia hebraica está relacionada a uma ideia de integridade, totalidade “estende-se num contexto social, até significar a ideia de perfeição”.<sup>34</sup> É através do corpo humano e das obras que são as metáforas pelas quais comprova-se a perfeição e a integridade do indivíduo.

Essa ideia de santidade também se estende para outras espécies e categorias de animais. Nesses casos as criaturas híbridas que não se adequem a essa ideia de “perfeição” seriam consideradas abominações. “Podemos concluir que a integridade é típica da santidade. Esta exige igualmente que os indivíduos se conformem à classe a que pertencem e que não haja confusão entre os diferentes grupos de objectos.”<sup>35</sup> Neste sentido, as determinações levíticas muito mais do que simples interdições dietéticas ou apenas disciplinas que visavam separar os judeus dos hábitos de povos considerados pagãos estava relacionado ao sentido de homem, santidade e corpo.<sup>36</sup>

Paulo Garcia, teólogo da Universidade Metodista de São Paulo defende a tese que a alimentação é um dos elementos estruturantes dentro do Cristianismo, porque é parte fundamental do sacramento eucarístico e no ritual da Santa Ceia, onde o pão representa o corpo de Cristo e o vinho o sangue.<sup>37</sup> O autor cita o ocorrido descrito no Evangelho de Mateus (11: 17-18) em que Jesus é acusado de ser glutão e bebedor, o que para Garcia (2012) evidencia não somente os conflitos em que o Movimento de Jesus estava envolvidos na época com os seus contemporâneos, como também as suas práticas alimentares “Nele, podemos perceber que a ligação de Jesus (e seu movimento) à prática da comensalidade é tão determinante que acaba por se tornar um motivo de acusação e chacota.”<sup>38</sup>

Também aponta que nas Cartas aos Coríntios (9:13), o Apóstolo Paulo, chama a atenção para o fato de que o alimento é um direito que deve ser sustentado pela igreja “Não sabeis vós que os no templo trabalham, do templo comem? E os que ao altar servem, do altar tiram seu sustento?” Além disso, é importante lembrar que os primeiros cristãos que viviam em comunidades entendiam que o alimento deveria ser compartilhado entre todos os membros.<sup>39</sup>

---

<sup>28</sup> DOUGLAS, Mary, 1991, p. 41

<sup>29</sup> DOUGLAS, Mary, 1991, p. 41

<sup>30</sup> DOUGLAS, Mary, 1991, p. 41

<sup>31</sup> DOUGLAS, Mary, 1991, p. 41

<sup>32</sup> DOUGLAS, Mary, 1991, p. 42

<sup>33</sup> DOUGLAS, Mary, 1991, p. 42

<sup>34</sup> DOUGLAS, Mary, 1991, p. 42

<sup>35</sup> DOUGLAS, Mary, 1991, p. 43

<sup>36</sup> DOUGLAS, Mary, 1991, p. 43

<sup>37</sup> GARCIA, Paulo Roberto, 2007, p. 23

<sup>38</sup> GARCIA, Paulo Roberto, 2007, p. 23

<sup>39</sup> GARCIA, Paulo Roberto, 2007, p. 23



Portanto, dentre todos as questões levantadas pelo autor sobre a comensalidade e práticas alimentares dentro do Cristianismo, para este trabalho interessar-nos sobretudo dos alimentos como elementos estruturantes dentro do ritual da Santa Ceia, o pão (“fazei isso em memória de mim”) e o vinho (“fazei isso, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim”) que assumem significados importantes como sendo o corpo de Cristo e o sangue que é partilhado entre os membros.<sup>40</sup> Trata-se de um ritual que além de ligar a memória de Jesus conferia unidade e identidade religiosa ao grupo. Portanto, um ritual que imprime uma interação social e organiza as práticas religiosas, papéis e *status* dos membros do grupo haja vista que somente os crentes batizados podem participar do ritual da Santa Ceia.<sup>41</sup>

A comensalidade aparece como elemento estruturante da identidade cristã também no aspecto moral e teológico ao colocar a glotonaria, ou seja, a tendência humana dissoluta e desregrada de se alimentar e beber em excesso. Na Bíblia é classificada como um dos pecados capitais, obedecendo a definição do Apóstolo Paulo na Carta aos Gálatas (6: 16-21):

16 Digo, porém: Andai pelo Espírito, e não haveis de cumprir a cobiça da carne.

17 Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro, para que não façais o que quereis.

18, Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei.

19 ora, as obras da carne são manifestas, as quais são: a prostituição, a impureza, a lascívia,

20 a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as contendas, os ciúmes, as iras, as facções, as dissensões, os partidos,

21 as invejas, as bebedices, *glotonarias* (as orgias), e coisas semelhantes a estas, contra as quais vos previno, como já antes vos preveni, que os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus.<sup>42</sup>

Os pecados capitais, a saber: soberba, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e preguiça que são contrapontos aos dons do espírito que se encontram descritos na Epístola aos Gálatas (16: 22) “Mas o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, o domínio próprio; contra estas coisas não há lei.”

Reflexões teológicas e morais sobre os problemas que os excessos alimentares e práticas alimentares deficientes, embora fosse ignorada pela maior parte das denominações cristãs, alcançou lugar especial entre os Adventistas do Sétimo Dia. Os iasidianos se destacam em relação aos demais grupos cristãos-protestantes pela defesa do vegetarianismo e por seguirem as leis dietéticas contidas no Levítico. A Mensagem de Saúde Adventista, é concebida como uma obrigação religiosa que deve ser seguida pelos fiéis e encontra-se relacionada a ideia de santidade e purificação corporal dessa denominação. A Reforma de Saúde dos IASDs tem como precursora a pregadora e escritora Ellen G. White, uma das fundadoras de denominação que após sua morte deixou mais de 24 livros publicados em que trata sobre os mais diversos temas como educação, família, evangelismo, música, e sobretudo cuidados com o corpo e alimentação.

Dentre as principais obras whiteanas sobre alimentação temos *A Ciência do Bom Viver*, *Conselhos Sobre Regime Alimentar*, *Conselhos sobre Saúde e Medicina e Salvação*, em apresenta diversos conselhos sobre práticas alimentares saudáveis, bem como reflexões que entendem que o ato de se alimentar influencia não somente na saúde física, mas também mental, moral e espiritual. Para White (2013) os excessos alimentares além de serem nocivos à saúde física, também a má alimentação carregada de gorduras, açúcares em excesso e alimentos cárneos afeta a saúde mental. A autora entende a “saúde mental” como elemento vital para alcançar o

<sup>40</sup> GARCIA, Paulo Roberto, 2007, p. 23-24

<sup>41</sup> GARCIA, Paulo Roberto, 2007, p. 24

<sup>42</sup> ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro Sociedade Bíblica do Brasil, 2006

equilíbrio moral e a temperança, os quais igualmente fundamentais para uma vida cristã em sua plenitude. Já que somente uma mente cujas faculdades estejam em perfeita saúde pode ser capaz de discernir o certo do errado, o bem do mal, vivendo em plena santidade.

Outra grande referência sobre a questão da alimentação dentro do Cristianismo são as obras de Agostinho de Hipona, especificamente em sua grande obra *Confissões* em que narra a sua vida e conversão ao Cristianismo. Na obra, o autor levanta algumas reflexões teológicas sobre o ato de alimentar-se.

O dia me traz novo pecado, e oxalá fosse o único! Comendo e bebendo, restauramos as diuturnas perdas de nosso corpo, até o dia em que destruirás o alimento e o estômago, matando minha necessidade com uma maravilhosa saciedade, e revestindo este corpo corruptível de eterna incorruptibilidade.<sup>43</sup> (HIPONA, 2015, p. 180)

Continua ainda com:

Tu me ensinaste a considerar os alimentos como remédios. Mas quando passo dessa penosa necessidade à paz da saciedade, nessa passagem a concupiscência arma para mim sua cilada. Esta passagem é prazerosa, e não há outra para se chegar onde a necessidade nos obriga. A razão do beber e do comer é a conservação da saúde; mas um prazer insidioso acompanha como laço essas funções, e sempre tenta tomar a dianteira, de modo que faço pelo prazer o que digo fazer por minha saúde.<sup>44</sup>

Portanto, o ato de beber e alimentar para Sto. Agostinho são entendidos como elementos importantes para a manutenção da vida. Mas também, encontra-se associado aos excessos, a falta de intemperança, isto é, a glotonaria um dos setes pecados capitais. Em Agostinho a gula que corrompe o corpo, conduz a transgressão e tal como as leis dietéticas judaicas torna-se um elemento a partir do qual se define o que é certo e errado, puro e impuro, santo e pecador dentro da moralidade cristã.<sup>45</sup>

O dia me traz novo pecado, e oxalá fosse o único! Comendo e bebendo, restauramos as diuturnas perdas de nosso corpo, até o dia em que destruirás o alimento e o estômago, matando minha necessidade com uma maravilhosa saciedade, e revestindo este corpo corruptível de eterna incorruptibilidade. Mas por ora esta necessidade me é grata, e luto contra essa delícia, para que não me domine; é uma guerra cotidiana que sustento com jejum, reduzindo meu corpo à escravidão. Mas minhas dores são eliminadas pelo prazer, porque a fome e a sede são sofrimentos: queimam e matam como a febre se os alimentos não lhe põem remédio. Mas como esse remédio está sempre à nossa disposição, graças à liberdade de teus dons que põe à disposição de nossa fraqueza a terra, a água e o céu, nossas misérias recebem por nós o nome de delícia.<sup>46</sup>

Em *Confissões* o pecado da gula está dentro do quadro de vícios e virtudes que compreende a intemperança, ou seja, dos excessos do alimentar e do beber que são prazeres que dominam a mente e do corpo em antagonismo à simples necessidade alimentar de manutenção da vida. “Ora, a medida do prazer não é a mesma da saúde, o que é bastante para o prazer muitas vezes é difícil discernir se é o cuidado com o corpo que pede reforço de alimento ou se a gula que engana e quer ser servida”.<sup>47</sup>

Perceba que a glotonaria enquanto parte do rol de vícios é um pecado dentro da Teologia Cristã que atinge o corpo e a alma em razão do desequilíbrio, dos excessos que por sua vez afetam a santidade e a pureza corporal. Sobre ele Agostinho afirma que: “Mas por ora esta necessidade

<sup>43</sup> HIPONA, Agostinho de. *Confissões*. Tradução de Almiro Pisseta. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.,p. 180.

<sup>44</sup> HIPONA, Agostinho de, 2015, p. 180

<sup>45</sup> HIPONA, Agostinho de, 2015, p. 180

<sup>46</sup> HIPONA, Agostinho de, 2015, p. 314

<sup>47</sup> HIPONA, Agostinho de, 2015, p. 180



me é grata, e luto contra essa delícia, para que não me domine; é uma guerra cotidiana que sustento com jejum, reduzindo meu corpo à escravidão. ”.<sup>48</sup>

Neste sentido, ao retomar os conceitos de pureza e impureza desenvolvidos por Douglas nos permite ter uma compreensão maior do sentido da glotonaria dentro do ordenamento cosmológico do Cristianismo. Já que, enquanto resultado de intemperança, excessos e hábitos desregrados estaria relacionado mais ao conceito de “impureza”, “perigo” da autora. Isto é, daquilo que é considerado imoral e pernicioso dentro da cosmovisão cristã, cujos efeitos acarretariam problemas de ordem espiritual. O impuro estaria relacionado a ideia de pecado, sujeira, despudor, desequilíbrio, intemperança, etc., portanto, algo fora da moralidade cristã. Daquilo que se considera correto, santo e puro dentro do Cristianismo, levando a cegueira moral e espiritual.

Desse modo, entender a glotonaria como um pecado capital do *ethos* cristão é também entender o significado do ato de alimentar-se dentro da moralidade cristã, uma vez que perpassa seus conceitos de santidade e pureza/impureza. Neste conceito envolve a ideia pureza do corpo, o qual é entendido como templo do Espírito Santo, portanto, um lugar que deve purificado e santificado em todas as suas esferas, inclusive no comer e no beber.

### Considerações finais

Ao longo do trabalho foi demonstrado que as práticas de comensalidade na religião possuem um vértice moral e ético que está adequado a moral religiosa. Quer seja no Judaísmo onde a prática de ingerir esse ou aquele alimento possui uma carga de moralidade e dita normas de conduta ou no Cristianismo, igualmente essa carga aparece agora relacionada a pureza do corpo e a santidade da alma.

Percebemos que a alimentação dentro da religião é um fator que também está relacionado a cosmovisão dessas religiões e aparece em rituais, oferendas e cerimônias, ou ainda em proibições e permissões. Ela também é fator determinante na criação de identidades dentro de um grupo religioso ao passo que, muitas vezes, tais grupos se tornam conhecidos por adotar certa postura em relação à alimentação como é o caso de budistas vegetarianos.

A alimentação nos casos analisados nesse artigo é atravessada pelo escopo moral dessas religiões, bem como como fator que organiza as suas identidades. Identificamos esses grupos também pela posição que adotam diante dos alimentos e suas práticas alimentares em geral. Tanto no Judaísmo quanto no Cristianismo as práticas alimentares são carregadas pela ética, simbolismo e moralidade das mesmas.

Portanto, as práticas de comensalidade das religiões ocupam um campo vasto de reflexões que podem render diversas pesquisas dentro da Teologia e das Ciências das Religiões, visto que são reflexos da identidade e da moralidade dos grupos religiosos.

### Referências

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

---

<sup>48</sup> HIPONA, Agostinho de, 2015, p. 180

AQUINO, Santo Tomás de. *Sobre o ensino: os sete pecados capitais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARNEIRO, Henrique S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/4640/3800>> Acesso em: 26 jun. 2017.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991.

FERRARI, Evandro Sérgio. Religiões e hábitos alimentares: uma construção histórica. *Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória, v. 4, n 2, jul-dez., 2016. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/download/416/355>> Acesso em: 26 jun. 2017.

GARCIA, Paulo. “Isto é o Meu Corpo”: rituais de alimentação e interação social no cristianismo primitivo. *Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista*. v. 12, n 20, jun/dez 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/view/1233/1247>> Acesso em: 26 jun. 2017.

HIPONA, Agostinho de. *Confissões*. Tradução de Almiro Pisseta. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

TOPEL, Marta F. As leis dietéticas judaicas: um prato cheio para a Antropologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 203-222, julho de 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n19/v9n19a08.pdf>> Acesso em: 26 jun. 2017.

VAINSENER, Semira Adler. *Culinária judaica*. **Pesquisa Escolar Online**, 2009. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>> Acesso em: 26 jun. 2017.